

1919

## *A sombra das nuvens*

Era um bombardeiro modificado. Um vickers vimy. Todo ele madeira e linho e arame. Era largo e pesado mas Alcock ainda pensava nele como uma coisinha ágil. Afagava-o sempre que subia a bordo e se enfiava na cabina de pilotagem ao lado de Brown. Um só movimento escurrito do corpo. Mão no acelerador, pés na barra do leme, sentia-se já no ar.

Do que mais gostava era de subir até acima das nuvens e depois voar à luz pura do sol. Podia debruçar-se sobre a borda e ver o movimento da sombra na brancura de baixo, a expandir-se e contrair-se sobre a superfície das nuvens.

Brown, o navegador, era mais reservado – embaraçava-o esse género de expansões. Sentava-se chegado à frente na carlinga, atento às pistas que a máquina poderia dar. Sabia como intuir a forma do vento, todavia punha toda a sua fé naquilo que podia tocar realmente: as bússolas, os mapas, o nível encaixado aos seus pés.

Era naquela época do século XX em que a ideia do cavalheirismo quase se tinha tornado um mito. A Grande Guerra tinha abalado o mundo. Dos grandes tambores metálicos dos jornais rolava a notícia intolerável de dezasseis milhões de mortos. A Europa era uma encruzilhada de ossos.

Alcock tinha pilotado aviões de combate da força aérea. Do bojo do seu avião caíam pequenas bombas. Uma súbita leveza na máquina. Um coice vertical para o interior da noite. Ele debruçou-se para fora da sua carlinga aberta e observou o cogumelo de fumo a surgir lá em baixo. O avião endireitou-se e virou rumo a casa. Em alturas dessas, Alcock tinha ânsias de anonimato. Voava na escuridão, o avião aberto às estrelas. Depois aparecia lá em baixo uma pista de aviação, o arame farpado iluminado como o altar de uma estranha igreja.

Brown tinha feito voos de reconhecimento. Tinha jeito para a matemática do voo. Conseguia transformar qualquer céu numa série de números. Mesmo em terra continuava a fazer cálculos, a conge-  
minar novas maneiras de guiar os seus aviões de volta a casa.

Ambos os homens sabiam exatamente o que significava ser abatido.

Os Turcos tinham apanhado Jack Alcock durante uma surtida de bombardeamento de longo alcance sobre a baía de Suvla e tinham atingido o avião com fogo de metralhadora, inutilizado a hélice de bombordo. Ele e os seus dois tripulantes, depois da aterragem forçada no mar, nadaram para terra. Fizeram-nos marchar nus até onde os turcos tinham montado fileiras de pequenas jaulas de madeira para os prisioneiros de guerra. Abertas ao exterior. Havia ao lado dele um galês que tinha um mapa das constelações, de modo que Alcock praticou os seus conhecimentos de navegação, ali preso sob a cravejada noite turca: bastava-lhe um relance para o céu para ser capaz de dizer exatamente que horas eram. No entanto, o que Alcock queria mais do que qualquer outra coisa era ter um motor com que se entreter. Quando foi mudado para um campo de detenção, em Kedos, trocou o chocolate dado pela Cruz Vermelha por um dínamo, negociou o seu champô por peças de trator, construiu uma fileira de ventoinhas improvisadas com restos de arame, bambu, parafusos, baterias.

Teddy Brown tinha-se tornado, também, prisioneiro de guerra, forçado a aterrar na França quando realizava um reconhecimento fotográfico. Uma bala estilhaçou-lhe a perna. Outra furou o depósito

de combustível. Enquanto descia deitou fora a câmara, rasgou os mapas, espalhou os pedaços. Ele e o piloto enfiaram o seu B. E. 2c num campo de trigo lamacento, desligaram o motor, levantaram as mãos. O inimigo saiu a correr da floresta para os arrancar dos destroços. Brown sentia o cheiro da gasolina que se derramava dos depósitos. Um dos boches tinha um cigarro aceso nos lábios. Brown era conhecido pela sua reserva. “Desculpe”, gritou, mas o alemão continuava a avançar, de cigarro a flamejar. “Nein, nein.” Da boca do alemão saía uma pequena nuvem de fumo. Por fim o piloto de Brown levantou os braços e rugiu: “Porra, pare aí!”

O alemão deteve-se a em pleno andamento, inclinou a cabeça para trás, fez uma pausa, engoliu o cigarro a arder, retomou a corrida em direção aos aviadores.

Uma coisa que fez rir o filho de Brown, Buster, quando ouviu a história pouco antes de também ele ir para a guerra, vinte anos depois. “Desculpe. Nein, nein.” Como se o alemão se limitasse a ter a fralda da camisa de fora ou acaso tivesse os atacadores dos sapatos mal apertados.

Brown foi embarcado para casa antes do armistício, depois perdeu o chapéu a voar lá no alto, por cima de Piccadilly Circus. As raparigas usavam batom encarnado. As bainhas das saias tinham subido quase até à altura dos joelhos. Vagueou ao longo do Tamisa, seguindo o rio até ele começar a subir laboriosamente em direção ao céu.

Alcock não se apanhou de volta a Londres senão em dezembro. Viu homens de fato preto e chapéu de coco abrirem cautelosamente caminho por entre os escombros. Entrou num jogo de futebol numa viela de Pimlico Road, chutando uma bola para trás e para diante. Mas já se sentia outra vez voar. Acendeu um cigarro, viu os anéis de fumo evolarem-se para longe.

Quando se encontraram pela primeira vez na fábrica da Vickers em Brooklands, em princípios de 1919, Alcock e Brown olharam um para o outro e perceberam imediatamente que ambos precisavam de começar do zero. A obliteração da memória. A criação de um novo

movimento, em estado bruto, dinâmico, sem guerra. Era como se quisessem pegar nos seus velhos corpos e introduzir neles os seus corações juvenis. Não queriam recordar as bombas que tinham largado, ou o impacto ou a queima, ou os blocos de celas em que tinham estado fechados ou que espécie de abismo tinham visto na escuridão.

Em vez disso, conversaram sobre o Vickers Vimy. Uma coisinha ágil.

Os ventos dominantes sopravam do Leste, da Terra Nova, navegando dura e rapidamente através do Atlântico. Mil e oitocentas milhas de oceano. Os homens vinham de barco da Inglaterra, alugavam quartos no Hotel Cochrane, esperavam que o Vimy chegasse às docas. Vinha embalado em quarenta e sete grandes caixas de madeira. Fins da primavera. No ar, ainda uma pontada de gelo. Alcock e Brown contrataram uma equipa para arrastar as caixas do porto até lá acima. Atrelaram as caixas a cavalos e carroças, montaram o avião na própria pista.

A campina ficava nos arrabaldes de St. John, numa meia colina, com uma superfície plana de trezentas jardas, um pântano num dos extremos e um pinhal no outro. Dias a soldar, lixar, coser. Os depósitos de bombas eram substituídos por tanques de gasolina suplementares. Isso era o que mais agradava a Brown. Estavam a usar o bombardeiro de um modo totalmente novo: a tirar a guerra do avião, despindo totalmente aquela coisa da sua inclinação para a carnificina.

Para aplanar a campina, ligaram detonadores a rastilhos, despedaçaram penedos com dinamite, arrasaram muros e vedações, removeram outeiros. Era verão mas ainda havia um sopro de frio no ar. Bandos de pássaros moviam-se com fluidez através do céu.

Passados catorze dias, o campo estava pronto. Para a maioria das pessoas era simplesmente mais um retalho de terra, mas para os dois pilotos era um aeródromo fabuloso. Calcorreavam a pista de aterragem de ervas, apreciavam a brisa nas árvores, procuravam indícios no tempo.

\* \* \*

Acorriam multidões de campônios para ver o Vimy. Alguns nunca tinham andado de automóvel, quanto mais visto um avião. À distância parecia que tinha pedido emprestado o seu desenho a uma espécie de libélula. Tinha 42,7 pés de comprimento, 15,25 pés de altura, uma envergadura de 68 pés. Pesava 13 000 libras quando carregado com os seus 870 galões de gasolina e 40 galões de óleo. Onze libras por pé quadrado. A armação de tecido tinha milhares de pontos separados. Os espaços para as bombas eram substituídos por combustível suficiente para 30 horas de voo. Tinha uma velocidade máxima de 103 milhas por hora, sem contar com o vento, uma velocidade de cruzeiro de 90 milhas por hora e uma velocidade de aterragem de 45 milhas por hora. Havia dois motores de refrigeração a água Rolls-Royce Eagle VIII de 360 cavalos de potência e uma velocidade de rotação de 1080 revoluções por minuto, com doze cilindros em dois grupos de seis, cada motor a comandar uma hélice de quatro pás de madeira.

Os espectadores corriam as mãos ao longo dos suportes, davam pancadinhas no aço, experimentavam o linho retesado das asas com os guarda-chuvas. As crianças escreviam os seus nomes na parte de baixo da fuselagem. Os fotógrafos cobriam com panos pretos as suas lentes. Alcock fazia-se interessante para a câmara, punha a mão em pala sobre os olhos como um explorador antigo. “Vamos lá!”, gritava ele, antes de saltar os nove pés até ao chão de erva molhada.

Os jornais diziam que tudo era agora possível. O mundo tinha-se tornado minúsculo. Estava a formar-se em Paris a Liga das Nações. W. E. B. Du Bois convocara a Conferência Pan-Aafricana com delegados de quinze países. Ouviam-se em Roma discos de *jazz*. Os entusiastas da rádio usavam tubos de vácuo para transmitir sinais a centenas de quilómetros de distância. Chegaria em breve o dia em que seria possível ler a edição diária do *San Francisco Examiner* em Edimburgo ou Salzburgo ou Sidney ou Estocolmo.

Em Londres, Lord Nothcliffe do *Daily Mail* tinha oferecido 10 000 libras aos primeiros homens que aterrassem num dos lados do Atlântico. Quatro outras equipas, pelo menos, também queriam

tentar. Hawker e Grieve já tinham soçobrado no mar. Outros, como Brackley e Kerr, estavam em posição em aeródromos ao longo da costa, à espera que o tempo mudasse. O voo tinha de ser feito em setenta e duas horas. Sem paragens.

Havia boatos de que um texano rico o queria tentar, bem como um príncipe húngaro e, pior que tudo, um alemão da Luftstreitkräfte que se tinha especializado em bombardeamentos de longo alcance durante a guerra.

Dizia-se que o editor de reportagens especiais do *Daily Mail*, filho de Lord Northcliffe, tinha criado uma úlcera só de pensar numa possível vitória alemã.

– Um boche! Um maldito boche! Deus nos proteja!

Despachou repórteres para averiguarem se era de todo possível que o inimigo, mesmo depois da derrota, estivesse à frente na corrida.

Em Fleet Street, lá em baixo no mármore, onde a composição ainda quente era estendida, andava de um lado para o outro, a trabalhar uma e outra vez nos cabeçalhos em perspetiva. No interior do casaco tinha cosida uma Union Jack, a bandeira inglesa, que esfregava como se fosse um pano de orações.

– Vamos embora, rapazes – murmurava para consigo. – Um, dois. Toca a andar para casa, de volta ao Puto.

Todas as manhãs os dois aviadores acordavam no Hotel Cochrane, tomavam o seu pequeno-almoço de papas de aveia, ovos, bacon, torradas. Depois dirigiam-se de automóvel através das ruas íngremes, pela Forest Road, até um campo de erva num envelope de gelo. O vento soprava do mar em rajadas agrestes. Eles instalavam fios elétricos nos fatos de voo para trazerem calor de uma bateria e cosiam camadas suplementares de pele nas abas interiores dos capacetes, nas luvas, nas botas.

Passou uma semana. Duas semanas. O tempo retinha-os. Nuvem. Temporal. Previsão. Todas as manhãs os homens se preocupavam em estar cuidadosamente barbeados. Um ritual que executavam no extremo mais afastado do campo. Instalavam uma bacia de aço debaixo de uma tenda de lona com um pequeno queimador de gás

para aquecer a água. Um tampão de metal fazia as vezes de espelho. Punham lâminas de barbear na equipagem de voo para quando aterrassem: queriam assegurar-se de que se chegassem à Irlanda seriam membros do Império frescos, decentemente barbeados, apresentáveis.

Nas tardes de junho que se alongavam, compunham as gravatas, sentavam-se por baixo das asas do Vimy e falavam com eloquência aos repórteres canadianos, americanos, britânicos que iam chegando para o voo.

Alcock tinha vinte e seis anos. De Manchester. Era magro, bem-parecido, audaz, o género de homem que olhava a direito mas se mantinha aberto ao riso. Tinha uma farta cabeleira ruiva. Solteiro, dizia-se que gostava de mulheres mas preferia os motores. Nada lhe agradava mais do que desmanchar as entranhas de um Rolls-Royce e depois tornar a montá-lo. Partilhava as suas sanduíches com os repórteres: muitas vezes havia uma dedada de óleo no pão.

Brown sentava-se nos caixotes de madeira ao lado de Alcock. Já parecia velho aos trinta e dois anos. A perna lesionada obrigava-o a usar uma bengala. Nascera na Escócia, mas fora criado perto de Manchester. Os pais eram americanos e ele tinha um ligeiro sotaque ianque que cultivava o melhor que podia. Pensava em si mesmo como um homem do Atlântico Central. Lia a poesia de Aristófanes contra a guerra e admitia a ideia de que viveria feliz num constante voo. Era solitário mas não disfrutava com a solidão. Havia quem dissesse que parecia um pároco, mas os seus olhos tinham fulgores de um azul distante e tinha recentemente ficado noivo de uma jovem beldade de Londres. Escrevia a Kathleen cartas de amor, dizendo-lhe que não se importaria de atirar a sua bengala às estrelas.

– Meu Deus – disse Alcock –, a sério que lhe disse isso?

– Disse, sim senhor.

– E que disse ela?

– Disse que podia ficar sem a bengala.

– Ah! Apaixonada.

Nas reuniões com a imprensa, era Alcock que tomava o leme. Brown navegava o silêncio brincando com o seu prendedor de

gravatas. Trazia uma garrafa de conhaque no bolso interior. De vez em quando virava-se de costas, abria a aba do dólman, bebia um golo.

Alcock também bebia, mas ruidosamente, publicamente, alegremente. Encostava-se ao balcão do bar do Hotel Cochrane e cantava *Rule, Britannia* numa voz tão desafinada que lhe dava uma grande carga de excentricidade.

A gente local – pescadores principalmente, uns poucos lenhadores – batia nas mesas de madeira e cantava canções sobre entes queridos perdidos no mar. Os cantares prolongavam-se pela noite dentro, até muito depois de Alcock e Brown terem ido para a cama.

Mesmo no quarto andar ouviam os ritmos tristes que se rompiam em ondas de gargalhadas e depois, ainda mais tarde, o *Maple Leaf Rag*<sup>1</sup> martelado num piano.

*Ó homem, põe-te a andar  
Consigo hipnotizar esta nação  
Consigo abalar do mundo os alicerces  
Com o Maple Leaf Rag.*

Alcock e Brown levantaram-se ao nascer do Sol, depois esperaram que o céu abrisse. Voltaram as caras para o tempo. Passearam no campo. Jogaram *gin rummy*. Esperaram mais um bocado. Precisavam de um dia quente, uma Lua forte, um vento benevolente. Calculavam que conseguiriam fazer o voo em menos de vinte horas. O fracasso não estava nos seus planos, mas Brown escreveu em segredo um testamento, dava tudo o que tinha a Kathleen, conservou o sobrescrito no bolso interior do seu dólman.

Alcock não se preocupou com testamentos. Lembrava-se dos terrores da guerra, ainda surpreso às vezes de conseguir sequer acordar.

– É canja, tudo o que me quiserem pôr agora pela frente.

Deu uma palmada no flanco do Vimy, deitou uma olhadela às nuvens que se amontoavam lá longe para ocidente.

– Exceto, é claro, mais alguma maldita chuva.

---

<sup>1</sup> Ragtime da folha de bordo, símbolo nacional do Canadá. (*N. do T.*)



Quando se olha para baixo vê-se uma linha de chaminés, vedações e pináculos, o vento a pentear tufos de ervas em ondas prateadas, rios a saltar as valas, dois cavalos brancos a correr desastinadamente num campo, as longas echarpes de macadame alcatroado esbatendo-se em caminhos de terra – floresta, matagal, vacarias, curtumes, estaleiros navais, barracas de pescadores, fábricas de bacalhau, comunidade, estamos a flutuar num mar de adrenalina – Olha! Teddy, lá em baixo, um barquinho a remos num rio e um cobertor na areia e uma rapariga com um balde e uma pá e a mulher a enrolar a bainha da saia e ali, estás a ver, aquele rapazito, de camisola encarnada, a correr com o burro ao longo da costa, vá lá, mais uma volta, vamos entusiasmar o miúdo com mais um bocado de sombra...

Ao fim do dia 12 de junho fazem outro voo de treino, este de noite para que Brown possa testar os seus mapas Sumner. Onze mil pés. A carlinga dos pilotos é aberta aos céus. O frio é feroz. Os homens encolhem-se atrás do para-brisas. Até as pontas dos seus cabelos começam a gelar.

Alcock tenta sentir o avião, o seu peso, o seu mergulho, o seu centro de gravidade, enquanto Brown trabalha na sua matemática. Cá em baixo, os repórteres esperam o regresso do avião. O contorno do campo foi marcado com velas em sacos de papel pardo para fazer dele uma pista de aterragem. Quando o Vimy aterra, as velas são derrubadas pelo sopro e ardem por uns momentos na erva. Rapazes da terra vêm a correr com baldes de água para apagar as chamas.

Os aviadores descem do avião, há aplausos dispersos. Ficam surpreendidos ao descobrir que é uma repórter local, Emily Ehrlich, o mais compenetrado de todos. Nunca faz qualquer pergunta, fica ali de barrete de lã e luvas, a escrevinhar no seu caderno de apontamentos. É baixa e de um tamanho que não está na moda. De uns quarenta ou cinquenta anos, talvez. Desloca-se com um andar pesado pelo lamacento aeródromo. Com uma bengala de madeira. Tem os tornozelos terrivelmente inchados. Parece o tipo de mulher que podia estar a trabalhar numa pastelaria ou atrás do

balcão de uma loja de província, mas tem, eles sabem-no, uma pena incisiva. Já a viram no Hotel Cochrane, onde ela vive há muitos anos com a filha, Lottie. Com dezassete anos, esta maneja a câmara com surpreendente facilidade e estilo, um namoro. Ao contrário da mãe, é alta, delgada, vivaz, curiosa. Ri com facilidade e sussurra ao ouvido da mãe. Uma estranha equipa. A mãe mantém-se em silêncio; a filha tira as fotografias e faz as perguntas. Enfurece os outros repórteres, uma rapariga nova no território deles, mas as suas perguntas são acutilantes, rápidas. “Que tipo de pressão do vento pode o tecido das asas aguentar? Como é ver o mar desaparecer por baixo de nós? Tem uma namorada em Londres, Mr. Alcock?” Mãe e filha gostam de percorrer juntas os campos ao fim do dia, Emily a caminho do quarto do hotel onde se senta a escrever as suas reportagens, Lottie em direção aos campos de ténis onde joga horas sem fim.

O nome de Emily tem um destaque na edição de quinta-feira do *Evening Telegram*, quase sempre acompanhado por uma das fotografias da filha.

Tem licença para cobrir o que quiser uma vez por semana: pesca, catástrofes, disputas locais, comentário político, a indústria madeireira, as sufragistas, os horrores da guerra. É famosa pelas suas estranhas digressões. Uma vez, no meio de um artigo sobre um sindicato local, saiu-se com uma receita de pão de ló de duzentas palavras. Doutra vez, na análise a um discurso do governador da Terra Nova, fez um desvio para a subtil arte da conservação do gelo.

Alcock e Brown foram avisados para estarem em guarda, dado que mãe e filha, segundo toda a gente diz, têm tendência para a nostalgia e uns fogosos temperamentos irlandeses. Mas eles gostam de ambas, Emily e Lottie, a feição invulgar que dão à multidão, os estranhos chapéus da mãe, os seus vestidos compridos, os seus curiosos ataques de silêncio, a passada alta e rápida da filha através da cidade, com a raquete de ténis a bater na barriga da perna. Além disso, Brown viu as reportagens de Emily no *Evening Telegram* e são das melhores que tem lido: “Hoje o céu fez gazeta sobre Signal Hill. As marteladas ressoam através do aeródromo como outros tantos sinos. Todas as noites o Sol que se põe cada vez mais se parece com a Lua.”

A partida está marcada para sexta-feira 13. É uma maneira de os aviadores enganarem a morte: escolher um dia aziago, desafiá-lo depois. As bússolas são penduradas, as tabelas de transversalidade calculadas, o rádio sem fios preparado, os amortecedores embrulhados à volta dos eixos, os varões da armação envernizados, o revestimento do tecido secado, a água para o radiador destilada. Todos os rebites, contrapinos, costuras são verificados e reverificados. Os manípulos de controlo da bomba. Os magnetos. As baterias para aquecer os fatos de voo. Os sapatos são engraxados. Os termos *Ferrostat* de chá quente e caldo de carne *Oxo* são preparados. As sanduíches cuidadosamente cortadas são empacotadas e guardadas. As listas são cuidadosamente conferidas. Leite com malte *Horlick*. Barras de chocolate *Fry*. Quatro tiras de alçaçuz para cada um. Uma garrafa de um quarto de litro de conhaque para emergências. Passam raminhos de urze pelo interior dos seus capacetes forrados de peles para dar sorte e colocam dois animais embalsamados – gatos pretos, ambos – um no poço por baixo do para-brisas, o outro amarrado a um poste por trás da carlinga.

Depois as nuvens entram com uma vénia, a chuva ajoelha sobre a terra e o tempo atrasa-os mais um dia e meio.

Na estação de correios de St. John, Lottie Ehrlich salta por cima de uma jaula de sombra no chão, adianta-se até ao postigo com três barras onde o empregado chega para cima a sua pala preta para olhar para ela. Ela desliza-lhe por cima do balcão o envelope fechado. Compra um selo de quinze cêntimos com a efígie de Cabot e diz ao empregado que quer uma etiqueta de um dólar para correio transatlântico.

– Oh – diz ele –, desses já não nos há, menina, não. Estão esgotados há muito tempo.

À noite, Brown passa uma grande parte do seu tempo cá em baixo no vestíbulo do hotel, a mandar mensagens para Kathleen. Há nele certa formalidade. Uma tensão.

Move-se com lentidão nas escadas, para um homem de trinta anos, a bengala a bater com força no chão de madeira. Três conhaques a rolaem dentro dele.

Uma estranha perturbação da luz cai sobre o corrimão e ele vislumbra Lottie Ehrlich no ostentoso espelho de madeira no cimo das escadas. A rapariga é, por um momento, fantasmagórica, a sua figura a emergir no espelho, depois a tornar-se mais nítida, mais alta, de cabelo ruivo. Tem vestido um roupão, camisa de noite e chinelos. Ambos são apanhados de surpresa um pelo outro.

– Boa noite – diz Brown, um bocadinho entaramelado.

– Leite quente – diz a rapariga.

– Desculpe?

– Estou a levar leite quente à minha mãe. Não consegue dormir.

Ele assente e leva a mão a uma aba de chapéu imaginária, avança para passar por ela.

– Nunca dorme.

Ela fez-se encarnada, um bocadinho embaraçada por ter sido ali apanhada em roupão, pensa ele. Torna a tocar o chapéu inexistente e empurra a dor na sua perna esquerda, sobe mais três degraus, os conhaques a atazanar-lhe a cabeça. Ela para dois degraus abaixo dele e diz com mais formalidade do que é preciso:

– Mr. Brown?

– Sim, menina?

– Está pronto para a unificação dos continentes?

– Com toda a franqueza – diz Brown –, bastava-me para começar uma boa ligação telefónica.

Ela desce mais um degrau da escada, põe a mão diante da boca como se estivesse prestes a tossir. Um olho mais acima do que o outro, como se uma pergunta muito teimosa se tivesse instalado há muito tempo na sua cabeça.

– Mr. Brown.

– Miss Ehrlich?

– Acha que seria um grande abuso?

Uma rápida olhadela para o chão. Faz uma pausa, como se tivesse amontoado um certo número de palavras dispersas na ponta da

língua, coisinhas estranhas sem qualquer fluência, não há maneira de as fazer sair. Está especada, a equilibrá-las, a pensar se não vão desmoronar-se. Brown imagina que ela, como toda a gente em St. John, gostaria da oportunidade de se sentar na carlinga se houver mais um voo de treino. Uma impossibilidade, é claro; não podem levar ninguém lá para cima, muito menos uma mulher nova. Nem sequer autorizaram os repórteres a sentar-se no avião enquanto espera na pista. É um ritual, uma superstição, não é coisa que ele seja capaz de fazer, não sabe como lho há de dizer, sente-se encurralado, vítima dos seus próprios passeios noturnos.

– Seria um grande abuso – diz ela –, se lhe desse uma coisa?

– Claro que não.

Ela acaba de descer a escada e corre pelo corredor fora em direção ao seu quarto. A juventude do seu corpo a mover-se no branco do roupão de quarto.

Ele semicerra os olhos, esfrega a testa, espera. Algum amuleto para dar sorte, talvez? Uma recordação? Uma lembrança? Que parvoíce, ter-lhe dado sequer a oportunidade de falar. Devia ter dito logo que não. Deixar estar. Ir para o quarto. Desaparecer.

Ela aparece ao fundo do corredor, a mover-se enérgica e rapidamente. O roupão deixa ver um triângulo de pele branca no pescoço dela. Ele sente um agudo e repentino repique do desejo de ver Kathleen e fica contente por esse desejo, a errância do momento, esta estranha escadaria em curva, este longínquo hotel, conhaque de mais. Sente a falta da sua noiva, pura e simplesmente. Gostava de estar em casa. Chegar-se ao corpo delgado dela, observar o cabelo dela ao longo da sua clavícula.

Aperta o corrimão com um bocadinho de força a mais enquanto Lottie se aproxima. Com um pedaço de papel na mão esquerda. Estende a mão. Uma carta. É tudo. Uma carta. Passa-lhe a vista por cima. Dirigida a uma família em Cork. Para Brown Street, nem mais nem menos.

– Escreveu-a a minha mãe.

– Sim?

– Pode metê-la no saco do correio?

– Não é nenhum abuso – diz ele, dando a volta nas escadas outra vez, enfiando o envelope no bolso do dólman.

De manhã veem Lottie emergir da cozinha do hotel, cabelo vermelho às três pancadas, o roupão fechado até ao pescoço, apertado no alto. Carrega um tabuleiro de sanduíches embrulhadas em papel encerado de talho.

– Sanduíches de fiambre – diz ela, triunfalmente, pousando-as diante de Brown. – Fi-las especialmente para si.

– Obrigado, menina.

Ela atravessa a sala do restaurante, acenando por cima do ombro enquanto sai.

– Não é a filha da repórter?

– É pois.

– São um bocadinho desparafusadas, hein? – diz Alcock, vestindo o casaco, observando o nevoeiro pela janela.

Sopra de ocidente um vento forte em rajadas irregulares. Já estão atrasados doze horas mas agora chegou a hora – o nevoeiro levantou e as previsões meteorológicas para os próximos tempos são boas. Não há nuvens. O céu por cima parece que foi lá pintado. A velocidade inicial do vento é alta mas vai provavelmente amainar para uns vinte nós. Vai haver, mais tarde, uma boa Lua. Sobem a bordo entre aclamações dispersas, prendem os cintos de segurança, verificam os instrumentos uma vez mais. Uma rápida saudação do arrancador. Contacto! Alcock aciona o acelerador e leva os dois motores ao máximo da potência. Faz sinal para que sejam afastados das rodas os calços de madeira. O mecânico inclina-se, mergulha debaixo das asas, mete os calços debaixo dos braços, retira-se, atira-os para longe. Levanta os dois braços ao ar. Uma tossidela de fumo dos motores. As hélices giram. O Vimy é apontado para a ventania. Um ligeiro ângulo em relação ao vento. Para cima. Vão agora, vão. A baforada do óleo a aquecer. Velocidade e sustentação. O incrível rugido. As árvores assomam ao longe. Uma vala de drenagem desafia-os no lado mais afastado. Não dizem uma palavra. Nem “Great Scott”. Nem

“Cabeça levantada, meu velho”. Avançam passo a passo, penetrando pesadamente no vento. Vá, vá. O peso do avião rola por baixo deles. É preocupante, isso. Mais devagar agora do que nunca. Pela pendente acima. Ele hoje está pesado. Tanta gasolina para carregar. Uma centena de jardas, cento e vinte, cento e setenta. Estão a mover-se muito devagar. Como se atravessassem gelatina. A carlinga apertada. O suor a acumular-se por trás dos joelhos. Os motores batem com força. As pontas das asas fletem. A erva por baixo deles dobra-se e rasga-se. Aos solavancos ao longo do chão. Duzentos e cinquenta. O avião levanta um bocadinho e depois suspira outra vez, tocando o solo. Pelo amor de Deus, Jackie, levanta-o. A linha de pinheiros escuros está ao fundo do aeródromo, a agigantar-se, cada vez mais perto, mais perto, ainda mais perto. Quantos homens morreram assim? Puxa-o para trás Jackie, meu rapaz. Derrapa para o lado. Aborta. Já. Trezentas jardas. Deus Nosso Senhor Jesus Cristo. Uma rajada de vento levanta a asa esquerda e inclinam-se ligeiramente para a direita. E a seguir sentem-no. Uma ondulação de ar frio no estômago. Estamos a subir. Teddy, estamos a subir, olha! Uma lenta inclinação para cima, uma muito ténue elevação da alma e o avião está uns poucos de pés no ar, o nariz a levantar, o vento a assobiar através dos pilares da armação. Que altura têm aquelas árvores? Quantos homens morreram? Quantos de nós caíram? Brown converte mentalmente os pinheiros em possível ruído. O estalo da casca. A confusão de ramos. O *ack-ack* de galhos. O desastre. Aguenta, aguenta. A garganta ainda apertada de terror. Erguem-se um bocadinho nos assentos. Como se isso pudesse aliviar o peso do avião debaixo deles. Mais alto agora, vá. O céu para além das árvores é uma coisa oceânica. Levanta-o, Jackie, levanta-o por amor de Deus, levanta-o. Aqui, as árvores. Aqui vêm elas. Os seus cachecóis são os primeiros a levantar voo e depois ouvem o aplauso dos ramos por baixo.

– Isto foi por um triz! – ruge Alcock através do ruído.

Encaminham-se diretamente para o vento. O nariz sobe. O avião abranda. Uma ascensão penosa sobre copas de árvores e telhados

baixos. Cuidado agora para não entrarmos em perda. Mantê-lo a subir. A mais altura, iniciam uma ligeira adernação. Com calma, meu velho. Dá-lhe a volta. Uma viragem majestosa, toda beleza, toda equilíbrio, a sua própria espécie de confiança. Mantêm a altitude. Uma curva mais apertada agora. Até terem o vento pelas costas e o nariz baixo e estão verdadeiramente a partir.

Acenam ao arrancador, aos mecânicos, aos funcionários da meteorologia, aos outros poucos retardatários lá em baixo. Não há Emiliy Ehrlich do *Evening Telegram*, nem Lottie: mãe e filha já foram para casa, mais cedo, já não voltam. Perderam a descolagem. É pena, pensa Brown. Apalpa o interior do casaco onde a carta ainda repousa.

Alcock limpa o suor da testa, depois acena à sombra deles próprios e conduz o avião a meio gás para o mar. Uma linha de costa dourada. Barcos a boiar no Porto de St. John. Brinquedos no banho de um miúdo.

Alcock pega no telefone rudimentar, quase grita para ele:

– Hei, velhote.

– Sim?

– Desculpa lá isto.

– Desculpa, o quê?

– Nunca te disse.

– Nunca me disseste o quê?

Alcock sorri e olha para a água lá em baixo. Estão no ar há oito minutos, a mil pés de altitude, com uma velocidade de vento traseiro de trinta e cinco nós. Balançam por cima da baía de Conception. A água, uma esteira cinzenta em movimento. Retalhos de luz do Sol e fulgor.

– Eu cá nunca aprendi a nadar.

Brown fica momentaneamente desconcertado – a ideia de cair no mar, de esbracejar na água, flutuar por um momento numa estaca de madeira ou agarrado aos depósitos flutuantes. Mas não é verdade que Alcock se salvou a nado quando foi abatido sobre a baía de Suvla? Há tantos anos. Não, anos não. Apenas meses. É estranho para Brown, muito estranho, que não há muito tempo uma bala lhe tenha atravessado a coxa e agora, hoje, esteja a transportar esse fragmento



por cima do Atlântico a caminho de um casamento, uma segunda oportunidade. Estranho que se encontre aqui sequer, a esta altitude, os motores Rolls-Royce a rugirem aos seus ouvidos, a mantê-lo no ar. Alcock não sabe nadar? Isso não é seguramente verdade. Talvez, pensa Brown, lhe deva dizer a verdade. Nunca é tarde de mais.

Inclina-se para o microfone do telefone, decide que é melhor não.

Continuam a subir. Lado a lado na carlinga de pilotagem aberta. O ar frígido corre à volta das suas orelhas. Brown bate uma mensagem para terra na chave do seu transmissor: “Tudo bem e partimos.”

O telefone consiste numa série de fios enrolados à volta do pescoço deles para apanharem a vibração da fala. Para ouvir, têm auscultadores aninhados por baixo dos seus capacetes moles.

Ao fim de vinte minutos de voo, Alcock mete a mão por dentro do chapéu, arranca os incómodos auscultadores, deita-os borda fora para o azul. Já estou dorido de mais, por mímica.

Brown mostra-lhe simplesmente o polegar levantado. É uma pena. Agora não vão ter quaisquer outros meios de comunicação – apenas notas rabiscadas e gestos, mas há muito que têm na cabeça os mapas dos movimentos de cada um deles: cada trejeito uma maneira de falar, a ausência de voz, a presença do corpo.

Os seus capacetes, luvas, casacos e botas até ao joelho são forrados de pele. Por baixo vestem fatos-macaco *Burberry*. A qualquer altitude, mesmo por trás do para-brisas inclinado, vai fazer um frio gélido.

Em preparação, Alcock passou três noites numa câmara frigorífica em St. John. Uma noite deitou-se em cima de uma pilha de carne congelada e não dormiu. Uns dias depois Emily Ehrlich escreveu no *Evening Telegram* que ele ainda cheirava como uma peça de carne recém-cortada.

Ela está com a filha numa janela do terceiro andar, as mãos no caixilho de madeira. A princípio têm a certeza de que é uma ilusão, um pássaro em primeiro plano. Mas depois ouve o ténue ruído dos motores e ambas sabem que falharam o momento – também não há fotografia –, no entanto há uma estranha exaltação em vê-lo

a uma certa distância, o avião a desaparecer para leste, prateado, não cinzento, emoldurado pela lente de uma janela de hotel. “Isto é uma vitória humana sobre a guerra, o triunfo da resistência sobre a memória.”

Lá longe, o céu azul já sem nuvens e ininterrupto. Emily gosta do som da tinta a subir na caneta de tinta permanente, o barulho da tampa a ser enroscada quando se fecha. “Dois homens estão a voar sem escalas através do Atlântico para chegar com uma sacola de correio, um pequeno saco de linho branco com 197 cartas, com selos especiais, e se o conseguirem, será o primeiro correio aéreo a cruzar do Novo Mundo para o Velho.” Um pensamento novo em folha: “Correio aéreo transatlântico.” Ela experimenta a frase, arranhando-a no papel, uma e outra vez, “transatlântico, trans atlas, trans ântico”. A distância finalmente vencida.

Por baixo flutuam icebergues. O mar agrestemente rugoso. Sabem que não podem voltar atrás.

Agora é tudo matemática. A conversão do combustível em tempo e distância. Manter o acelerador na posição que assegure um ponto ótimo de combustão. Conhecer os ângulos e os extremos e os espaços entre eles. Brown limpa a humidade dos seus óculos de proteção, estende a mão para o compartimento de madeira por trás da sua cabeça, tira as sanduíches, desembrulha o papel encerado. Passa uma a Alcock que mantém uma mão enluvada no volante. É uma das muitas coisas que traz um sorriso aos lábios de Alcock: como é extraordinário estar a mastigar uma sanduíche de fiambre e manteiga preparada por uma rapariga num hotel de St. John, mais de mil pés abaixo. A sanduíche é tornada mais deliciosa pelo facto de já terem chegado tão longe. Pão de trigo, fiambre fresco, uma mostarda leve misturada na manteiga. Deita a mão atrás para ir buscar o termos de chá quente, desenrosca a tampa, deixa sair uma ponta de vapor.

O ruído rola através dos seus corpos. Às vezes fazem dele uma música – um ritmo que se dirige a si próprio, da cabeça ao peito e aos pés – mas depois são sugados para fora do ritmo e torna-se

de novo puro ruído. Têm perfeita consciência de que podem ficar surdos neste voo e que o rugido pode alojar-se dentro deles para sempre, os seus corpos a carregar com ele como gramofones humanos, de modo que se alguma vez conseguirem chegar ao outro lado continuarão, sempre, de algum modo, a ouvi-lo.

Manter o rumo determinado é questão de génio e magia. Brown tem de navegar por todos os meios possíveis. A máquina de navegação repousa no chão da carlinga. O calculador de rumo e distância está preso ao costado da fuselagem. O indicador de desvio está encaixado debaixo do assento, ao lado do nível que serve para medir a inclinação. O sextante preso ao painel de comandos. Há três bússolas, todas elas se iluminam na escuridão. Sol, Lua, nuvens, estrelas. Se tudo o mais falhar resta-lhe a navegação por estimativa.

Brown põe-se de joelhos no seu assento e olha por cima do para-peito. Torce-se e vira-se, faz cálculos usando o horizonte, a vista do mar e a posição do Sol. Num livrinho de notas rabisca: “Mantê-lo mais perto de 120 do que de 140” e assim que passa o bilhete para o outro lado da minúscula carlinga Alcock ajusta os controlos muito ligeiramente, equilibra o avião, mantém o acelerador a três quartos, atento a não forçar de mais o motor.

É tão parecido com manejar um cavalo, a maneira como o avião muda ao longo de uma jornada comprida, a alteração no peso resultante do consumo de gasolina, o galope dos motores, o toque de rédea nos controlos. De meia em meia hora mais ou menos Brown repara que o Vimy está um bocadinho mais pesado no nariz e vê Alcock exercer pressão para trás no manche para nivelar o avião.

O corpo de Alcock está sempre em contacto com o Vimy: não pode levantar as mãos dos controlos nem por um segundo. Já sente a dor nos ombros e na ponta dos dedos: nem sequer têm um terço de viagem e já se alojou firmemente em todas as suas fibras.

Em criança, Brown ia ao campo de corridas de Manchester ver os cavalos. Aos dias de semana, quando os jockeys estavam em treinos, Brown corria pela parte de dentro da pista de Salford, à roda e à

roda, alargando o seu círculo à medida que ia ficando mais velho, empurrando para fora a circunferência.

No verão em que tinha sete anos vieram da América os cavaleiros do *Pony Express* e montaram o seu espetáculo do Faroeste na margem do rio Irwell. A sua gente. Do país da sua mãe e do seu pai. Americanos. Brown queria saber exatamente quem era.

Nos campos, vaqueiros faziam rodopiar os seus laços. Havia cavalos selvagens, búfalos, mulas, burros, pôneis que faziam habilidades, um certo número de alces selvagens. Ele vagueava à volta dos grandes telões de incêndios na pradaria, tempestades de areia, ramagens roladas pelo vento, tornados. Mas o mais espantoso de tudo eram os índios que se exibiam pelas casas de chá de Salford com os seus cocares espalhafatosos. Brown seguia-os, na expectativa dos seus autógrafos.

*Trovão Galopante* era membro da tribo Blackfoot. A sua mulher, Josephine, era uma *cowgirl* especialista em tiro que usava elaborados casacos de cabedal e coldres com revólveres de seis balas. Ao aproximar-se o fim do verão a filha deles, Bessie, caiu doente com difteria e quando saiu do hospital mudaram-se para a Thomas Street, mesmo ao lado da tia e do tio de Brown.

Aos domingos à tarde Brown ia de bicicleta até Gorton e tentava espreitar pela janela da casa na esperança de conseguir ver o brilho das moedas do cocar. Mas Trovão Galopante tinha cortado o cabelo curto e a mulher estava de avental ao fogão a fazer Yorkshire *pudding*.

Ao fim de um par de horas de voo, Brown ouve um leve estalido. Põe os óculos de proteção, debruça-se sobre a fuselagem, observa a pequena hélice no gerador do rádio a girar inutilmente por um segundo, fraturar-se, depois soltar-se. Acabou-se o rádio. Acabou-se o contacto com quem quer que seja. Depressa deixará de haver aquecimento nos seus fatos elétricos. Mas não só isto. Um estalido pode levar a outro. Um pedaço de fadiga do metal e todo o avião pode desmanchar-se.

Brown é capaz de fechar os olhos e ver todo o tabuleiro de xadrez do avião. Conhece as jogadas de cor e salteado. O milhar de

pequenos movimentos que podem ser feitos. Gosta da ideia de si próprio como peão central, lento, metódico, a avançar. Há na calma que mantém uma forma de ataque. Uma hora depois ouve-se uma trepidação que soa a Alcock como uma metralhadora *Hotchkiss*. Lança um olhar a Brown mas este já percebeu o que é. Brown aponta para o motor de estibordo onde um troço do tubo de escape começou a rachar e a rasgar-se. Tem primeiro um resplendor encarnado, depois branco, depois quase translúcido. Salta do motor um bando de faíscas enquanto se parte uma peça protetora de metal. Voa para cima por um momento, quase mais depressa do que o próprio avião, e sai disparada para a corrente da sua esteira. Não é fatal mas eles olham ao mesmo tempo para o tubo de escape cortado e, como em resposta, o barulho do motor aumenta. Agora vão ter de viver com ele o resto da viagem mas Alcock sabe como o rugido do motor pode pôr o piloto a dormir, que o ritmo pode embalar um homem até dormir antes de bater nas ondas. É um trabalho feroz – ele sente a máquina nos seus músculos. O puxão puro através do seu corpo. A exaustão da mente. Sempre a evitar as nuvens. Sempre à procura de uma linha de visão. A criar qualquer horizonte possível. O cérebro a inventar viragens fantasma. O ouvido interno a equilibrar os ângulos até que a única coisa em que se pode confiar é o sonho de lá chegar.

Quando entram nas camadas abaixo das nuvens não há pânico. Ajeitam os seus capacetes forrados, reposicionam os óculos de proteção, enrolam os cachecóis à volta das bocas. Cá vamos nós. O terror de um branco total. A perspetiva de voar às cegas. Nuvem por cima. Nuvem por baixo. Têm de negociar o espaço intermédio.

Sobem para se escapar, mas a nuvem permanece. Descem. Ainda lá está. Uma humidade densa. Não se consegue pura e simplesmente fazê-la desaparecer de um sopro. Como na história dos três porquinhos: sopro e torno a soprar. Os capacetes, rostos, ombros estão encharcados de humidade.

Brown encosta-se e espera que o tempo melhore para poder voltar a guiar devidamente o avião. Espera uma centelha de sol na

ponta da asa ou a entrada num céu azul, de modo a poder encontrar uma linha de horizonte, fazer um cálculo rápido, usar o sol para medir a longitude.

A aeronave oscila de um lado para o outro, rabeando na turbulência. A súbita perda de altitude. Parece-lhes que os assentos estão a cair por baixo deles. Sobem outra vez. O ruído incessante. O solavanco. O coração a saltar.

A luz está a desaparecer, deparam-se com outra abertura na camada superior de nuvens. O encarnado declinante do Sol. Brown tem um breve vislumbre de mar, lá em baixo. Uma fração de segundo de uma curva de beleza. Apanha o nível do chão. Inclina-o, endireita-o. Um cálculo rápido. “Estamos a 140 nós aprox., em geral no rumo, um pouco desviados para sul e leste.”

Vinte minutos mais tarde encontram mais um enorme banco de nuvens. Sobem para um intervalo entre duas camadas. “Não vamos chegar acima das nuvens antes do pôr do Sol. Devíamos esperar pela noite e as estrelas. Consegues chegar acima de, digamos, 60 graus?” Alcock faz sinal que sim, inclina o avião, roda-o lentamente no espaço. Laivos de fogo encarnado através do nevoeiro.

Ambos sabem as partidas que a mente nos prega quando é apanhada pelas nuvens. Um homem pode pensar que o avião está nivelado no ar mesmo que esteja deitado de lado. A máquina pode estar inclinada rumo à catástrofe e eles a voar alegremente com ela ou podem despenhar-se na água, sem aviso. Têm de se manter alerta para qualquer avistamento de lua ou estrela ou linha de horizonte.

“É para o que serve o raio da previsão”, rabisca Brown e pode sentir na resposta de Alcock, na suave redução do motor, na ligeira cautela do movimento, que ele também está preocupado. Puxam os colarinhos para cima contra a bofetada molhada do tempo. Gotas de humidade deslizam pelo para-brisas acima. A bateria no assento entre eles ainda emite uns ténues impulsos de calor através dos cabos dos seus fatos, mas o frio é estridente à volta deles.

Brown põe-se de joelhos no seu assento, debruça-se no parapeito para ver se encontra alguma aberta, mas não há nenhuma.

\* \* \*

“Não há visibilidade. 6500 pés. Voamos completamente por estimativa. Temos de atravessar a camada superior de nuvens. O aquecimento está a desvanecer-se rapidamente, também!”

Os ossos dos ouvidos deles retinem. O barulho está enfiado nos seus crânios.

O pequeno quarto branco das suas cabeças. A explosão de ruído de parede a parede. Há alturas em que Brown sente que os motores estão a tentar irromper de detrás dos seus olhos, uma coisa metálica tornada selvagem, impossível de perder agora.

Chega primeiro a chuva. Depois a neve. Água-neve em perspectiva. A carlinga foi concebida para os defender da maior parte das condições atmosféricas, mas o granizo pode rasgar de um lado ao outro as asas de pano.

Sobem para uma zona de neve mais branda. Não há luz. Não há alívio. Encolhem-se enquanto a tempestade ressoa à volta deles. Mais neve. Está mais difícil agora. Descem uma vez mais. Os flocos picam-lhes a cara e derretem-se ao longo das suas gargantas. Em breve o branco começa a esvoaçar à volta dos seus pés. Se conseguissem subir acima de si próprios e olhar para baixo veriam um pequeno quarto aberto lançado pelo ar com duas figuras de capacete. Mais estranho ainda do que isso, até. Um quarto em movimento, na escuridão, num guincho do vento, dois homens, o topo dos seus torsos a ficar mais e mais branco.

Quando Brown aponta a sua lanterna ao controlo por trás da sua cabeça vê que uma camada de neve começou a obscurecer o mostrador do indicador de derrame de gasolina. Nada bom. Precisam desse indicador para se precaverem de problemas no carburador. Já fez isto antes, virar-se na carlinga, tentar chegar perigosamente acima da sua cabeça, mas nunca com tempo como este. No entanto, tem de ser feito. Nove mil pés acima do oceano. Que forma de loucura é esta?

Olha para Alcock enquanto cavalgam um pequeno solavanco de turbulência. Basta que o mantenha direito. Não serve de nada

dizer-lho agora. Não sei nadar, meu velho. Não lhe traria um sorriso aos lábios com certeza.

Brown ajusta as luvas, aperta bem as abas do capacete, levanta o cachecol bem alto à volta da boca. Roda no assento. A perna aleijada lateja quando se mexe. Joelho direito contra a borda da fuselagem. Depois o joelho esquerdo, o mau. Agarra-se à coluna de madeira e içá-se ao encontro da explosão de vento. O clorofórmio do frio. O vento a empurrá-lo para trás. A mordedura da neve nas bochechas. As roupas empapadas coladas ao pescoço, às costas, aos ombros. Um candelabro de ranho a sair do nariz. O sangue a fugir do seu corpo, dos seus dedos, do seu cérebro. Abandonando os cinco sentidos. Cuidado agora. Estica-se, açoiado pelo vento mas não chega bem lá. O blusão de voo é volumoso de mais. Abre o fecho éclair, sente o sopro do vento no peito, estende-se para trás, tira a neve do vidro do mostrador com a ponta da sua faca.

Deus do Céu. Este frio. Quase faz parar o coração.

Volta a encolher-se rapidamente no seu assento. Polegar ao alto de Alcock. Brown procura imediatamente os fios da bateria para se aquecer.

Não precisa sequer de escrever o bilhete a Alcock: "O aquecimento está completamente morto." No chão, a seus pés, jazem os mapas. Bate os pés, tendo o cuidado de não sujar as cartas. As pontas dos seus dedos ardem. Os seus dentes batem com tanta força que pensa que se podem partir.

Por cima do seu ombro esquerdo, no pequeno armário de madeira, está o termos de chá e o conhaque para emergências.

Demora uma eternidade tirar a tampa do cantil mas depois o álcool atordoia a parede do seu peito.

Elas permanecem no quarto de hotel, a mesa ainda colocada ao pé da janela para o caso de o avião voltar. Mãe e filha juntas, vigiando, esperando. Não houve notícias. Nenhum contacto rádio. Nenhum movimento no aeroporto improvisado. O campo está em



silêncio há doze horas. Lottie dá por si a apertar com força o caixilho da janela. Que poderá ter acontecido?

Foi má ideia, pensa ela, a mãe escrever à família em Cork. Tê-los distraído talvez. Sente-se cúmplice, agora. Brown não precisava de mais uma coisa em que pensar, por pequena que fosse, porquê detê-lo nas escadas, porquê dar-lhe a carta? Qual era o interesse daquilo, afinal? Talvez tenham caído. Devem ter caído. Caíram. Dei-lhe uma carta. Fui distraí-lo. Caíram. Ouve-os a cair. O assobio através dos pilares do avião.

Encosta os dedos ao frio do vidro da janela. Não gosta de si própria em momentos como este, da sua postura estranha, da sua estridente consciência de si própria, da sua juventude. Quem lhe dera poder sair para fora de si própria, para fora da janela, para o ar e depois para baixo. Ah, então, mas será isso, talvez? Sim. Os meus cumprimentos Mr. Brown e Mr. Alcock, onde quer que estejais. Quem lhe dera poder tirar uma fotografia do momento. Eureka. O objetivo de voar. Livrarmo-nos de nós próprios. Era razão suficiente para voar.

Lá em baixo, no vestíbulo, os outros repórteres amontoam-se à volta da máquina do telégrafo. Um por um entram em contacto com os seus editores. Nada a reportar. Foram-se já quinze horas. Ou Alcock e Brown estão agora a aproximar-se da Irlanda ou estão mortos e desaparecidos, baixas do desejo. Os repórteres começam os seus primeiros parágrafos escrevendo nos dois estilos, o elegíaco, o celebratório – “Hoje, grande junção de dois mundos.” – “Hoje, grande luto pelos heróis.” – ansiando ser os primeiros a pôr o dedo no pulso das coisas, ainda mais ansiosos por ser os primeiros a deitar a mão ao telégrafo quando houver verdadeiras notícias.

O Sol está quase a nascer – não longe da Irlanda – quando chocam com uma nuvem a que não conseguem fugir. Nenhuma linha de visão. Nenhum horizonte. Um cinzento feroz. Quase quatro mil pés acima do Atlântico. Escuridão ainda, não há Lua, não se avista o mar. Descem. A neve cedeu mas entram num grande

banco de branco. Olha para este, Jackie. Olha para ele a vir. Imenso. Inevitável. Por cima e por baixo.

São engolidos.

Alcock dá umas pancadas no velocímetro. Não se mexe. Ajusta o acelerador e a parte da frente do avião levanta. Mas o velocímetro continua na mesma. Acelera outra vez. Repentinamente de mais, desta vez. Raios parta.

Deus do Céu, Jackie, deixa-o cair em parafuso. Vamos tentar a nossa sorte. As nuvens apertam-se em torno deles. Sabem perfeitamente que se não interrompem a queda vão espatifar-se. O avião vai ganhar velocidade e desfazer-se numa imensidade de peças. A única escapatória é manter a velocidade no parafuso. Ter controlo e perdê-lo, também.

Vá, Jackie.

Os motores lançam uma provocação em forma de chama vermelha e depois o Vimy suspende-se imóvel um segundo, torna-se pesado, cai para trás, como se tivesse levado um murro. Em modo mais lento de queda, primeiro. Há nela uma certa dose de suspiro. Livrem-me deste fatigado esforço de voar, deixem-me cair.

Uma asa entrou em perda, a outra ainda a subir. Três mil pés acima do mar. Na nuvem o equilíbrio deles vai para o diabo. Não há noção do que é estar de cabeça para cima. Ou para baixo. Dois mil e quinhentos. Dois mil. A bofetada da chuva e do vento na cara deles. A máquina estremece. A agulha da bússola salta. O Vimy dança. Os corpos deles são atirados para trás contra os assentos. Do que eles precisam é de uma linha de céu ou de mar. Uma vista. Mas não há nada a não ser a grossa nuvem cinzenta. Brown gira a cabeça em todas as direções. Nenhum horizonte, nenhum centro, nenhum limite. Deus do Céu. Nalguma parte. Em qualquer parte. Mantém-no firme, Jackie, rapaz.

Mil pés, ainda a cair, novecentos oitocentos setecentos e cinquenta. A pressão das omoplatas contra os assentos. O redemoinho do sangue para o cérebro. O peso do pescoço. Estamos virados para cima? Virados para baixo? Ainda em parafuso. Podem não ver a água antes de se esmagarem. Desatar os cintos. É agora. É agora, Teddy.

Os seus corpos ainda estão pregados aos assentos. Brown chega-se abaixo. Aconchega o diário de voo dentro do seu blusão. Alcock vê-o pelo canto do olho. Que gloriosa idiotice. O último gesto de um piloto. Salvar todos os pormenores. O doce alívio de saber como aconteceu. O ponteiro continua a andar. Seiscentos, quinhentos, quatrocentos. Não há choros. Não há gemidos. O grito da nuvem. A perda do corpo. Alcock mantém o voo em parafuso no interminável branco e cinzento. Um relance de uma nova luz. Um diferente muro de cor. Leva uma fração de segundo a registar. Uma bofetada de azul. Cem pés. Azul estranho, azul de parafuso, já saímos? Azul aqui. Preto ali. Saímos, Jack, saímos! Agarra-o pelo amor de Deus. Cristo, saímos. Saímos? Agiganta-se outra linha de preto. O mar mantém-se direito como um soldado e escuro. Luz onde devia estar a água. Mar onde a luz devia estar no pico. Noventa pés. Oitenta e cinco. É o Sol. Cristo, é o Sol, Teddy! Ali. Oitenta agora. O Sol! Alcock dá à máquina uma boca cheia de acelerador. Ali à frente. Abre-o. Abre-o. Os motores pegam. Ele luta contra a sacudidela. O mar vira. O avião endireita-se. Sobram cinquenta pés, quarenta pés, trinta, não mais. Alcock olha para o Atlântico em baixo, as ondas a galoparem bordejadas de espuma, por baixo deles. O mar projeta salpicos para o para-brisas. Nem um som de qualquer dos homens até o avião se endireitar outra vez e começarem a subir de novo.

Ali estão sentados, em silêncio, rígidos de terror.

*Ó homem, vai-te embora  
basta suster a respiração um minuto  
pois não há habilidade que resista  
com o Maple Leaf Rag*

Mais tarde brincarão com o voo em parafuso, a queda, a rotação sobre a água – “se não vemos toda a nossa vida a passar diante dos olhos, meu velho, quer dizer que não tivemos vida?” – mas enquanto estão a subir não dizem nada.

Brown debruça-se para fora e dá uma palmada no flanco da fuselagem. Velho cavalo. Velho *Blackfoot*.

Equilibram-se ao longo da água, a quinhentos pés, num ar claro. Há agora uma linha de horizonte. Brown puxa a placa com as indicações de desvio, corrige a bússola. São quase oito horas pela Hora Média de Greenwich. Brown procura atabalhoadamente o seu lápis. “Por um triz?”, escrevinha, com uma série de pontos de exclamação. Capta o sorriso de lado de Alcock. É a primeira vez em horas que navegam sem nevoeiro ou camadas de nuvens. Um cinzento baço, remoído, por cima da água. Brown rabisca os últimos cálculos. Estão a norte, mas não tanto que falhem a Irlanda completamente. Brown calcula que o rumo agora está correto a 125 graus, mas entrando em conta com variações e vento marca um rumo de bússola a 170. Leme para sul.

Sente-a subir em si, uma perspectiva de relva, uma pequena casa solitária no horizonte, talvez uma fileira apertada de gado. Têm de ter cuidado. Há falésias altas ao longo da costa. Ele estudou a geografia da Irlanda: as colinas, as torres redondas, as extensões de calcário, os lagos em desapareição. A baía de Galway. Tinha havido canções sobre isso durante a guerra. Os caminhos para Tipperary. Os Irlandeses eram uma gente sentimental. Morreram e beberam em grandes quantidades. Uns quantos pelo Império. Beberam e morreram. Morreram. Beberam.

Está a enroscar outra vez a tampa do termos de chá quente quando sente a mão de Alcock no ombro. Sabe antes de se voltar que está lá. Tão simples como isso.

A surgirem do mar, displicentes como tudo: rocha molhada, relva escura, luz de árvores petrificadas.

Duas ilhas.

O avião cruza a terra a baixa velocidade.

Lá em baixo, uma ovelha com um melro pousado no dorso. A ovelha levanta a cabeça e começa a correr quando o avião a sobrevoa e por apenas um momento o melro permanece no seu lugar sobre o dorso da ovelha: é uma coisa tão esquisita que Brown se lembrará dela para sempre.

O milagre da realidade.

Ao longe, as montanhas. A manta de retalhos dos muros de pedra. Estradas em saca-rolhas. Árvores atrofiadas. Um castelo abandonado. Uma criação de porcos. Uma igreja. E acolá, para sul, as torres da rádio. Mastros de duzentos pés de altura num retângulo de ordem unida, alguns armazéns, uma casa de pedra pousada na berma do Atlântico. É Clifden, portanto. Clifden. As Torres da Marconi. Uma grande rede de mastros de rádio. Olham um para o outro. Sem palavras. Leva-o para baixo. Leva-o para baixo.

Seguem a sua linha por cima da aldeia. As casas são cinzentas. Os telhados, ardósia. As ruas invulgarmente silenciosas.

Alcock solta um grito de entusiasmo. Desliga os motores. Aponta a terra, achata o Vimy.

Os seus capacetes aplaudem. O seu cabelo ruge. As unhas dos dedos das mãos assobiam.

Da erva eleva-se e voa um bando de narcejas de bico comprido.

Parece-lhes um campo de aterragem perfeito, duro e direito e verde, no entanto no que não reparam ao descer é nas vizinhas lajes de estanho que jazem como bolos, nos cortes profundos na terra castanha, nas linhas de cordel molhado que percorrem as margens, nas pilhas de terra triangulares mais longe. Também não veem os carros de turfa de madeira que jazem velhos e marcados pela chuva na berma da estrada. Não veem os ângulos das bicicletas encostadas às carroças. Não veem os juncos que se fizeram compridos nas estradas abandonadas.

Levam o Vimy em direção ao chão. Uma trajetória impecável.

É quase como se pudessem debruçar-se para fora e apanhar a terra com as mãos. Cá estamos. O avião suspende-se um pé acima do solo. Os corações batem-lhes dentro das camisas. Esperam pelo momento do contacto. Rasam o topo da erva.

Batem e saltam. Estamos em terra, estamos em terra, Jackie, rapaz.

Mas percebem logo que estão a abrandar repentinamente de mais. Talvez uma roda? Um pneu furado? Uma barbatana traseira

partida? Não praguejam, não gritam. Não há pânico. Uma sensação de afundamento. Uma inclinação. E depois percebem. É um pântano, não é relva. As raízes vivas de juncos. Estão a escorregar através de um pântano verde. O solo aguenta o peso do avião por um instante e escorregam mais uns cinquenta pés, sessenta pés, setenta, mas depois as rodas enterram-se. A terra prende, o Vimy afunda-se, o nariz mergulha, a cauda levanta-se. É como se lhes dessem um puxão para trás de surpresa. A frente do Vimy entra na terra. A parte de trás sobe. Brown dá com a cara na parte da frente da carlinga. Alcock empurra para trás a barra de comando do leme, dobra-a com toda a força que faz. Uma dor trespassa-lhe o peito e os ombros. Nosso Senhor, Jackie, que é que aconteceu aqui? Espetámo-nos?

O silêncio, um ruído na cabeça deles. Agora mais alto do que nunca. Subitamente duplica, de alguma maneira. E depois o alívio invade-os da cabeça aos pés. O ruído infiltra-se no resto dos seus corpos. Será silêncio? Será mesmo silêncio? A barulheira do silêncio. A esgueirar-se através dos seus crânios.

Deus do Céu, Teddy, é o silêncio. É assim que soa. Brown toca o nariz, o queixo, os dentes, para ver se está intacto. Uns quantos cortes, umas quantas contusões. Mais nada. Estamos vivos. Estamos na perpendicular mas estamos vivos.

O Vimy está espetado no chão como uma espécie de dólmen do novo mundo. O nariz está enterrado pelo menos dois pés no pântano. A cauda no ar.

– Boa – diz Alcock.

Cheira-lhe a gasolina nalgum lado. Desliga os magnetos.

– Depressa. Fora. Lá para baixo.

Brown apanha o diário de bordo, os foguetes de sinalização, o saco de linho com o correio. Iça-se por cima da borda da carlinga. Atira para o chão a bengala e esta atinge o pântano lá em baixo como uma seta, fica espetada no solo, inclinada. Um ardor na perna quando aterriza. Aleluia pelo chão: quase o surpreende que não seja feito de ar. Um dólmen vivo, sim.

No bolso do seu fato de voo, Brown tem um pequeno par de binóculos.

A lente direita está enevoada, mas através da lente boa vê figuras. A avançar levantando muito os pés através do pântano. Soldados. Sim, soldados. Parecem coisas de brincar que se aproximam, escuras contra o complicado céu irlandês. À medida que chegam mais perto, ele consegue distinguir o formato dos chapéus e os rifles cruzados sobre o peito e o bamboleio das bandoleiras. Há uma guerra em curso, ele sabe. Mas há sempre uma guerra qualquer em curso na Irlanda, não há? Uma pessoa nunca sabe bem em quem ou em que confiar. Não disparem, pensa ele. Depois disto tudo, não nos deem tiros. “Desculpe. Nein, nein.” Mas estes são dos seus. Britânicos, tem a certeza. Um deles traz uma câmara a saltitar ao peito. Um outro ainda vem de pijama às riscas.

Atrás deles, distantes, cavalos e carroças. Um só automóvel. Vem da cidade uma fila de pessoas, serpenteando pela estrada fora, pequenas figuras cinzentas. E vejam aquilo. Vejam aquilo. Um padre de vestes brancas. A aproximar-se agora. Homens, mulheres, crianças. A correr. Com os fatos de domingo.

Ah, a missa. É isso, deviam estar na missa. Por isso não havia ninguém nas ruas.

O cheiro da terra, tão espantosamente fresco: parece a Brown algo que poderia comer. Os ouvidos latejam-lhe. Tem no corpo a sensação de que ainda está a deslocar-se através do ar. É, pensa, o primeiro homem de todos os tempos a voar e estar no chão exatamente ao mesmo tempo. Tirar a guerra da máquina. Ergue a pequena saca de cartas em saudação. Eles lá vêm, os soldados, as pessoas, o ligeiro chuvisco de cinzento.

Irlanda.

Um país lindo. Um bocadinho selvagem para o homem apesar de tudo.

Irlanda.